

**Garamond**  
UNIVERSITÁRIA

Coordenação  
*Maria Alzira Brum Lemos*

CONSELHO EDITORIAL

*Bertha K. Becker*  
*Candido Mendes*  
*Cristovam Buarque*  
*Ignacy Sachs*  
*Jurandir Freire Costa*  
*Ladislau Dowbor*  
*Pierre Salama*

COLEÇÃO sexualidade, gênero e sociedade

Dirigida por *Maria Luiza Heilborn* e *Sérgio Carrara*

Coordenação Editorial  
*Jane Russo* e *Anna Paula Uziel*  
Assistente  
*Alessandra de Andrade Rinaldi*

CONSELHO EDITORIAL

*Albertina Costa*  
*Daniela Knauth*  
*Lella Linhares Barsted*  
*Maria Filomena Gregori*  
*Mariza Correa*  
*Parry Scott*  
*Peter Fry*  
*Regina Barbosa*  
*Richard Parker*  
*Roger Raupp Rios*

COLEÇÃO sexualidade, gênero e sociedade

sexualidade em debate

MOVIMENTOS SOCIAIS,  
EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES

organizadoras

*Miriam Pillar Grossi, Simone Becker, Juliana Cavilha Mendes Losso,*  
*Rozeli Maria Porto e Rita de Cássia Flores Müller*

**Garamond**  
UNIVERSITÁRIA

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA (1990). *Bíblia Sagrada*. São Paulo, Edição Pastoral/Edições Paulinas.
- COUNTRYMAN, W. (s/d). *Que nos dice el relato bíblico de la creación acerca de la homosexualidad?* Tratado publicado originalmente por *Integrity*. Distribuído no México por Otras Ovejas – Ministerios Multiculturales com Minorías Sexuales.
- LINGS, R. (1996). *Las traducciones bíblicas y la homofobia*. Bruxelas, s/e.
- McNEILL, J. (1979). *La Iglesia ante la homosexualidad*. Barcelona, Grijalbo.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Aventurandose en Dios: teología libertadora para gente gay y lesbiana, sus parejas, familias y amigos*. Boston, Beacon Press.
- MOTT, L. (1999). “A igreja e a questão homossexual no Brasil”. In: *Religião e Homossexualidade* (1999). São Paulo, Mandrágora/ Umesp.
- PASTORAL ECUMENICA y solidaria com las personas viviendo com vih-sida del movimiento ecumênico por los derechos humanos (1997). *El coraje de amar: seis estudios sobre homosexualidad*. Buenos Aires, s/e.
- RYAN, P. J. (1999). *Católico praticante: A busca de um catolicismo para o terceiro milênio*. São Paulo, Loyola.
- TAKATSU, S. D. (1999). “Homossexualidade no anglicanismo”. In: *Religião e homossexualidade* (1999). São Paulo, Mandrágora/Umesp.
- THIELICKE, H. (1975). *The ethics of sex*. Rep. Grand Rapids, Mich: Baker. Traduzido do alemão para o inglês por DOBERSTEIN, J., Nova York: Harper and Row, 1964.
- VIDAL, M. et al. (1981). *Homossexualidad: ciencia y conciencia*. Santander, Espanha, Editorial Sal Terrae.
- WESTERMACK, E. (1939). *Cristianity and morals*. Londres, s/e. (págs. 371-372).

TRAVESTIS BRASILEIRAS:  
CONSTRUINDO IDENTIDADES CIDADÃSWilliam Siqueira Peres<sup>1</sup>

Este capítulo traz uma reflexão a respeito de experiências que terios vivenciado nos últimos anos, a partir da coordenação de oficinas de prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), assim como a Aids, para travestis, na cidade de Londrina/PR, assim como pelas entrevistas realizadas com travestis de outros lugares do Brasil, quando de nossa participação nos Encontros Nacionais de Transgêneros que atuam com Aids (Entradays) – encontros que acontecem anualmente desde 1993 –, que nos permitem problematizar a respeito das relações que as mesmas constroem no espaço social e as atribuições que são dadas às significações de gêneros.

Das questões preventivas sobre o HIV/Aids que foram problematizadas inicialmente, fomos percebendo a necessidade de expandir as temáticas vivenciadas e discutidas pelas travestis frequentadoras de nossas oficinas, para as questões do cotidiano de suas relações, voltadas para as relações sociais que estabelecem com o espaço social e suas representações a respeito dos papéis de gêneros. Nossa com-

<sup>1</sup> Professor assistente do departamento de Psicologia Clínica, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis-SP.

preensão a respeito da construção das relações sociais e dos papéis de gêneros se orienta pela perspectiva construcionista, entendendo que as relações de gêneros são construídas sociohistoricamente – e por isso mesmo se tornam objeto útil de análise (Scott, 1995; Louro, 1999).

No período compreendido entre janeiro de 2002 a dezembro de 2004 realizamos oficinas semanais, ao todo 67, com uma frequência que variava de 10 a 25 travestis por encontro.

As oficinas seguiam um modelo-padrão que se iniciava sempre com uma atividade de “aquecimento”, de modo a descontraír as travestis presentes e nos prepararmos para a problematização do tema que seria focado em cada ocasião. A escolha do tema de cada oficina era apresentado, ora pelo coordenador das oficinas, ora pelas demandas que as próprias travestis traziam para discussão e reflexão. Apesar da variação dos temas centrais de cada oficina – como sexualidades, gêneros, negociação do preservativo com clientes e companheiros, saúde, cuidados de si, cidadania e direitos humanos – as questões ligadas aos processos de estigmatização, à violência e às discriminações sempre estiveram presentes, marcando o cotidiano dessas pessoas, que cada vez mais revelavam os lugares de exclusão social, econômica, sexual, cultural e de gêneros pelas quais se situam no cenário urbano.

#### FAMÍLIA: CONFLITOS ENTRE AMOR E O ÓDIO

Nos relatos apresentados pelas travestis frequentadoras de nossas oficinas, assim como nas conversas com travestis nos encontros nacionais, pudemos evidenciar dados a respeito de uma trajetória de exclusões que tem seu início na família. A partir do momento em que as pessoas começam a manifestar a homossexualidade, incrementada pelo desejo de se transformar em travestis, são raras as famílias que conseguem expressar tolerância e estabelecer uma relação de aceitação e convívio tranquilo. Na maioria das vezes, essas pessoas são agredidas verbal e fisicamente, sendo muitas vezes expulsas de suas casas e tendo que recorrer a amigos ou outras pessoas que lhes

dêem acolhimento, compondo o que Green (2000) denominou “redes sociais”.

A participação nas redes sociais são importantes para que as pessoas possam se sentir acolhidas e respeitadas pelo seu grupo, desenvolver o sentimento de pertença e de direito de seu lugar no mundo, empoderar-se para enfrentar os processos de estigmatização e preconceitos que insistem em impossibilitar a realização de seus sonhos e desejos de transformação.

Kulick (1997), quando de sua pesquisa com travestis na cidade de Salvador, constatou que a exclusão e o abandono familiar têm sido um importante atributo na formação da identidade travesti, o mesmo sendo também revelado pela pesquisa realizada em Porto Alegre por Benedetti (2000, p. 96), para quem

*este padrão parece se repetir aqui no Sul, pois entre as minhas informantes, 89% (76 informantes de um total de 85) abandonaram o lar para encontrar espaço (...) Algumas foram expulsas pelos pais que não aceitavam suas idéias e comportamentos, outras ainda saíram deliberadamente: mas deixar o lar parece ser um momento crucial em seu processo de construção.*

Outras pesquisas, como as realizadas por Silva (1993; 1996), por Denizart (1998), Klein (1998) e Fernandez (2000), também trazem dados a respeito de exclusão e abandono familiar, conjugando-se com inúmeras queixas de travestis que temos ouvido, reclamantes da falta que sentem de seus familiares e amigos, da necessidade do acolhimento afetivo e emocional, fundamental para a formação do psiquismo de qualquer pessoa. Esses relatos são feitos com muito sofrimento e angústia, dada a sensação de abandono e de rejeição, que as deprimem e contribuem para o rebaixamento de suas auto-estimas.

A expulsão da família é vivida como a violência inicial, que se expande pela vizinhança, que se acha no direito de desprezar e humilhar as pessoas que manifestam o desejo de se transformar em travestis, expressando toda uma moralidade conservadora e hostil. Essas manifestações discriminatórias por parte da família e da comunidade contribui para a efetivação de intensa segregação, por

meio da limitação do espaço social, estabelecendo o que Morello e Ferrer (1988) chamaram de “sociabilidade de gueto”, ou “subjetividade de gueto”.

Como idéia de subjetividade temos considerado o modo pelo qual uma pessoa é colocada à disposição do campo social, com todos os valores e significados que lhes são pertinentes e que participam da constituição de cada pessoa (Peres, 2004). Muitas travestis quando falam dos descontentamentos diante de suas relações familiares relatam que, apesar das discriminações vividas, esperam um dia estabelecer relações mais afetivas e solidárias com seus familiares, na esperança de que revejam seus valores ou que, se não aceitam suas escolhas diante da vida, pelo menos sejam mais tolerantes e respeitosos com o seu modo de ser.

Contudo, apesar das histórias conhecidas de discriminação familiar vividas por travestis, atualmente tem sido possível encontramos famílias mais acolhedoras dos modos de ser de seus filhos que, apesar de acanhadas e confusas, dão início à construção de novas relações, a fim de promover a convivência afetuosa e tolerante, constatado mediante conversas que temos realizado com parentes de travestis; ou ainda pelas cenas que presenciamos quando de concursos de misses travestis em Londrina – quando irmãos, primos e mães de candidatas participam incentivando e torcendo para que elas sejam vitoriosas.

Com relação à volta de travestis que foram expulsas ou desprezadas por seus grupos familiares, quando filhas de famílias muito pobres, muitas vezes acabam sendo aceitas de volta devido a ganhos econômicos que conseguem em decorrência do dinheiro ganho em suas viagens à Europa (como profissionais do sexo) ou por terem conseguido se estabelecer como profissionais da alta costura, de decoração de ambientes, como esteticistas e cabeleireiras etc.

#### ESCOLA: A VONTADE DE SABER

A partir da exclusão familiar e da vizinhança, a relação com a escola também se mostra bastante prejudicada. A escola apresenta muita

dificuldade no trato da orientação sexual e de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais. Nesse sentido, reifica os modelos sociais de exclusão, por intermédio de ações de violência (discriminação e expulsão) ou de descaso, fazendo de conta que nada está acontecendo (não escuta as denúncias de discriminação).

Quando uma travesti chega na escola, ela já viveu alguns transtornos nas esferas familiar e comunitária, apresentando uma base emocional fragilizada, que a impede de encontrar forças para enfrentar os processos de estigmatização e a discriminação que a própria escola, com seus alunos, professores e dirigentes exercem, dada a desinformação a respeito de convívio com a diferença e suas singularidades. A intensidade da discriminação e da intolerância nas quais são expostas as travestis nas escolas que desejam estudar levam na maioria das vezes a reações de agressividade e revolta, ocasionando o abandono dos estudos e conseqüentemente à marginalização.

Em nossas escutas e observações tem sido freqüente ouvirmos histórias de travestis que reclamam não ter conseguido estudar, de não poder fazer uma faculdade e de não poder ter uma profissão que lhes garantisse a sobrevivência, tendo de recorrer à prostituição. Em suas falas são freqüentes reclamações por terem que se prostituir, por não conseguirem empregos ou oportunidades de renda para os seus sustentos, sobrando apenas a rua como possibilidade de ganhos financeiros.

Essas ocorrências de estigmatização e discriminação vividas pelas travestis no ambiente escolar prejudicam a própria socialização dessas pessoas, que passam a ter um universo existencial bastante restrito ao gueto, inserindo-se dentro de um contexto de opressão e marginalização que solicita a sua adequação a uma realidade bastante singular no universo travesti, que compõe uma complexidade de valores e significados próprios daquilo que Foucault (2004) denominou “estilística da existência”.

Sem apoio familiar, sem estudo e sem emprego, as travestis se enveredam por uma seara peculiar, que solicita a inclusão em um universo que estabelece regras para que possam ser aceitas, e que

inclui a montagem de seus corpos e de seus novos modos de vida, cuja expressão máxima comum entre as travestis poderia ser associada à frase dita por Sabrina: “Uma travesti é respeitada pelos litros de silicone que carrega no seu corpo”.

### CONSTRUÇÕES DE CORPOS E GÊNEROS

Quando nos aproximamos do universo travesti vamos encontrando toda uma singularidade própria dos estilos de vida que são criados por essas pessoas. Trata-se de um universo que, além de ter linguagens específicas à sua realidade, impõe regras de aceitabilidade, como a transformação do corpo e a reprodução de modelo previamente dado de como ser uma travesti, ensinamentos estes que são passados de forma oral e corporal: informações de como se hormonizar, de como “bombar silicone”, de como conseguir roupas, sapatos, acessórios e maquiagens; enfim, de encontrar os produtos certos para sua transformação estética e corporal. Mas também informações de como sobreviver, de como conseguir clientes para poder pagar suas contas.

A construção do corpo da travesti se espelha na imagem feminina, porém essa imagem em nenhum momento é tomada como acabada e absoluta, sempre variando, processando-se uma feminilidade em construção permanente, que vai se transformando por meio das formas corporais, cada vez mais sendo remodelados por ingestão de hormônios e aplicação de silicone, mas também por depilação, maquiagens e maneirismos.

A maioria das travestis nos fala de sua passagem de homossexual para travesti a partir de uma forte identificação com a imagem da travesti que é vista nas esquinas dos pontos de batalha ou fazendo *shows* pela televisão. Ao ver a figura da travesti, na rua ou na televisão, é como se uma onda de encantamento se apoderasse delas, levando-as a desejar urgentemente se transformar para serem iguais ao modelo dado. Fernandez (2000) fala de três modelos de referências que são considerados pelas travestis de Buenos Aires: a vedete, a prostituta, a mãe.

A imagem da vedete reflete o *glamour*, a beleza e o brilho que toda travesti busca quando se apresenta em *shows* e *performances* teatrais; a imagem da prostituta reflete a sensualidade, a sedução e luxúria da *femme fatale*; a figura da mãe reflete a afetividade, a tolerância e o amor gratuitos. Nossos registros também têm evidenciado nesses modelos as mesmas referências de identificação, que se manifestam nas escolhas dos nomes de mulher que as travestis fazem, ao nomearem-se com o nome da própria mãe, ou de um artista do cinema e da televisão.

Essas constatações também são encontradas em Benedetti (2000, p. 95):

*É ainda na infância também que o primeiro contato com outras travestis acontece, seja através da televisão ou mesmo nas ruas das grandes cidades onde estas personagens há tempo deixaram de ser obscuras e pouco visíveis. A primeira visão ou contato com outra travesti é sempre lembrado com muito entusiasmo e emoção e é marcada necessariamente com um processo de auto-identificação.*

Nessa nova interação existencial, a aspirante a travesti vai percebendo um universo social completamente diferente do que havia conhecido até então, marcado por valores e significados diferentes, novas formas de comunicação e linguagem, que trazem a novidade de um novo corpo, uma nova sexualidade e um novo gênero; logo, de novas formas de existir no mundo.

Nesse novo contexto, a travesti vai adquirindo novas palavras e sentidos em suas relações, como, *gay*, bicha, bicha-boy, veado, mona, mariconna, de acordo com a estética e os comportamentos apresentados por seus interlocutores.

Assim, as palavras *gay*, “veado” e “mona” são associadas ao homossexual que se apresenta de forma mais discreta, sem caracterização feminina, mas sempre sendo usadas no feminino. Da mesma forma, a palavra “bicha-boy” tem sido usada pelas travestis para se referir ao *gay* que se relaciona mais proximamente de seus convívios, diferenciando-se delas por não se “montarem”. Essas definições carregam uma certa negatividade por parte das travestis, considerando que as

“bicha-boys” não teriam a coragem que elas possuem para se transformar em imagens femininas.

Já as mariconas seriam homens, na maioria das vezes casados, que procuram pelos serviços sexuais das travestis para ocuparem o lugar de “passivo” na relação sexual. Dentre as discussões realizadas em nossas oficinas, podemos perceber uma certa divisão entre as travestis, que ora as vêem como “safadas”, por se serem de homens casados que procuram as travestis para assumirem o papel de “passivas”, ora como pessoas importantes por serem clientes que contribuem financeiramente para suas sobrevivências.

### O GÊNERO EM CHAMAS

Podemos perceber a construção de relações diferenciadas pelas travestis tanto nas relações com as pessoas como nas relações com seus corpos e com seus gêneros. A esse respeito uma travesti nos fala: “Quando eu faço ativo, eu penso e sinto como um homem, quando eu faço passiva, eu penso e sinto como uma mulher”.

Nesse tipo de discurso apresentado pela travesti, caracteriza-se uma dicotomia entre o feminino e o masculino, mas o convívio do masculino e do feminino no mesmo corpo. Isso, por si só, leva-nos a questionar a respeito das classificações de gêneros tradicionais, que dicotomizam radicalmente a respeito dos comportamentos, estabelecendo reducionismos sobre o que seria masculino e o que seria feminino. A esse respeito, muitas travestis comentam orgulhosamente cenas em que passaram despercebidas, ao serem tratadas como uma mulher, ou a respeito de mulheres que são confundidas como travesti, principalmente aquelas que usam maquiagens fortes e roupas insinuantes. Sobre isso, Rebeca, que sempre usou roupas femininas discretas (saia longa e blusa sem decote), comenta uma cena vivida em uma cafeteria de um aeroporto:

*Eu estava tomando café em uma cafeteria do aeroporto e havia dois rapazes próximos, quando passou uma mulher superperua, cabelo armado, supermaquiada, cheia de colares e pulseiras, e um*

*dos rapazes comentou que a mulher seria uma travesti. Neste momento, me virei aos rapazes e disse: meu amor, travesti sou eu, ela é mulher, quando a própria mulher ouviu e disse: é isso mesmo, e eu adoraria ser uma travesti.*

Essa cena mostra o quanto as classificações de gêneros têm sido borradas nos últimos anos e, ao mesmo tempo, mostra a percepção freqüente das pessoas que têm como referência a beleza e o *glamour* de uma travesti bem montada, quando está batalhando ou em situação social e de festa, mostrando que nada sabem da realidade das travestis nas outras horas do dia, quando são discriminadas e desprezadas pela sociedade.

Essas constatações nos levam a concordar com Benedetti (2002, p. 148), para quem “o gênero das travestis se pauta pelo feminino. Um feminino tipicamente travesti, ou seja, sempre negociado, reconstruído, ressignificado, fluido. Um feminino que se quer evidente, mas também confuso e borrado, às vezes apenas esboçado (...) É o feminino travesti”.

Diante dessas considerações, o contato com a realidade das travestis aponta e afirma que tanto os gêneros quanto os corpos e as sexualidades só podem ser entendidas como construções sociais e históricas, marcadas pela cultura de cada povo, com seus sentidos e significações pertinentes. Abrem-se novas discussões a respeito de como podemos contribuir para o debate sobre as relações humanas e a saúde coletiva, de modo a ampliar a tolerância e convívio com as diferenças, distanciando-se do sexo e do gênero como uma configuração biológica, marcados pelas “diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une” (Weeks, 1999, p. 42).

O modo como assimilamos os significados dados aos corpos e às sexualidades, assim como aos gêneros, ainda estão muito influenciados pela visão essencialista, que naturaliza certos padrões de comportamentos como sendo da ordem da normalidade, desqualificando outros como sendo da ordem do pecado, do crime e da doença.

Nossas definições, crenças, convenções, comportamentos e identidades sexuais não se limitam ao evolucionismo simplesmente, como se fossem naturais – são produzidos historicamente por relações de saber-poder e de dispositivos sociais, econômicos e culturais (Foucault, 1986).

Uma clarificação a respeito da produção do corpo e da imagem das travestis pode ser encontrada nos trabalhos realizados por Silva (1993; 1996), Denizart (1998) e Benedetti (2000).

#### A EXPERIÊNCIA DA EXCLUSÃO E AS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

A experiência da exclusão vivida pelas travestis nas diversas esferas de sua socialização pode ser inserida dentro de um circuito característico da comunidade travesti, qual seja, de ter que morar em pensões que alugam quartos para travestis ou em repúblicas previamente montadas por uma travesti “mais esperta” (mais velha), que administra as vagas e cobra diárias pela moradia e alimentação das outras travestis.

No cotidiano dessas pessoas, nem sempre a convivência é tranqüila, pois a competição é muito acirrada. Algumas travestis relatam que existe uma fogueira de vaidades muito intensa que interage cotidianamente em suas vidas, e que se manifesta pela disputa pela melhor imagem, pelo cabelo mais bem cuidado, pelo vestido mais *glamouroso*, assim como pelo “ponto de batalha” mais rentável.

O contato que temos com a comunidade transgênero tem nos levado a constatar que as travestis possuem uma vida muito solitária. São poucas as travestis que conseguem construir relações de amizade, e, mesmo assim, quando o fazem, restringem-se a uma ou duas pessoas, na maioria das vezes também travesti.

Em nossas oficinas realizadas em Londrina, algumas travestis têm problematizado a respeito da temática da amizade, e, em decorrência disso, fomos solicitados para preparar uma oficina sobre o tema da amizade, de modo a facilitar espaço para que se discutisse a qualidade das relações entre as travestis. O resultado foi muito conturbado, pois as opiniões se dividiram entre um grupo que defendia a

construção da amizade como forma de união e de fortalecimento da comunidade, na luta pela cidadania, e outro que não acreditava na possibilidade de união, dada a condição das travestis que trabalhavam nas ruas, e que precisam se virar sozinhas.

Nos pontos de batalha, as travestis vivenciam diversas humilhações físicas e verbais, entendidas como reforçadoras de sua condição de cidadãs de segunda categoria, marcadas por atrocidades que muitas vezes têm provocado a morte de muitas delas. Nesse contexto, acreditar no coletivo, para essas pessoas, fica difícil e confuso, o que colabora para que algumas experiências negativas de relação com a violência, com as drogas e a criminalidade sejam entendidas como fatos naturais.

Nas oficinas que coordenamos com travestis, temos sempre nos orientado pela defesa dos direitos humanos, pelos princípios democráticos e pela crença da força de organização social e política de populações vulneráveis, que ao se informarem se empoderam para lutar contra os processos de estigmatização e discriminação tão presentes no cotidiano das travestis. Nossa experiência tem mostrado a existência de dificuldades em trabalhar com as travestis, dada a resistência em acreditarem na força do coletivo, fazendo com que as elas fiquem desconfiadas diante de qualquer ação que se proponha a auxiliá-las.

Nas discussões a respeito da organização do grupo de travestis, assim como sobre as suas relações sociais, é muito comum ouvirmos relatos de que não é possível que elas sejam amigas, pois a situação da “batalha” implica uma competição pouco favorável à união das travestis. Apresentam dificuldades em problematizar suas experiências cotidianas, homogeneizando todas as relações que mantêm com as pessoas, com o mundo e consigo mesmas como sendo iguais. Como exemplo, podemos pontuar algumas falas de travestis diante de alguns temas, quando problematizados nas oficinas: *Amor* – “Amor pra mim são dólares”; *Amizade* – “Travesti nenhuma é amiga de ninguém. Sua única amiga é a solidão”; *Solidariedade* – “Solidariedade são os cinquenta reais que o cliente me paga”.

Essas expressões são exemplos de dificuldades de trabalho com travestis que foram destituídas de direitos e que são defensivas dian-

te de qualquer proposta de clarificação de valores ou de melhoria de suas reais condições de vida. Como consequência, deparamo-nos cada vez mais com relações sociais impessoais entre as travestis, com baixa expressão de afetividade e baixa auto-estima.

Dadas essas posições, nossa experiência tem mostrado sobre a necessidade de as oficinas preventivas e de cidadania com travestis serem freqüentes e insistentes, para que elas acreditem na proposta coletiva de organização do grupo, assim como dêem manutenção às ações preventivas, lembrando sempre do uso do preservativo e de outros componentes ligados à prevenção, como cuidados com o corpo, com a saúde e alimentação, assim como de seus direitos de participação social e política nas decisões da sociedade como um todo, exercitando a sua cidadania.

Marcadas por nossa sociedade conservadora e influenciada pelas premissas do heterossexismo e do patriarcalismo, as travestis experimentam todo tipo de discriminação, desde serem travestis profissionais do sexo até outras complicações, dadas as associações com a pobreza, com a cor da pele, as práticas sexuais e as classificações de gêneros.

Dentro dessa configuração fica patente a relação direta entre a experiência da estigmatização, processos de exclusão e naturalização da violência, que funciona como entorpecimento na vida das travestis, enfraquecendo suas auto-estimas e suas crenças na possibilidade de mudanças em suas reais condições de vida.

Mas apesar das dificuldades apontadas por esse ensaio, alguns grupos de travestis têm se mobilizado em algumas cidades brasileiras, de modo a promover o enfrentamento da opressão social e dar respostas às violações de seus direitos.

Em artigo escrito por Klein (1998), temos a análise do assassinato de uma travesti em Porto Alegre, conhecida como "Cris Loira", executada pela própria polícia, entre tantos outros casos que temos tido conhecimento pela da mídia, produzindo reação entre as travestis, que se organizaram e criaram uma instituição de defesa dos direitos das travestis gaúchas. A partir da criação dessa instituição, vários projetos vêm sendo realizados para assegurar a defesa dos di-

reitos das travestis e buscar respostas para o desemprego, a pobreza e a fome.

Em Londrina, felizmente, a relação da polícia com as travestis tem sido cordial e pacífica. O problema é a extorsão praticada sobre os clientes por alguns policiais militares, que ainda forçam as travestis a realizarem programas gratuitos com eles.

Para produzirmos inserção social dessa população, temos encontrado dificuldades nos estabelecimentos comerciais, que ora atendem as travestis de forma *blasé*, ora com risos irônicos e depreciativos, ou simplesmente se negam a atendê-las.

Para enfrentar essas discriminações, Londrina conta hoje com uma lei municipal que pune os estabelecimentos comerciais que discriminam pessoas por orientação sexual. Interessante pontuar que quando da votação da lei na Câmara Municipal, as travestis compareceram em massa, com seus títulos de eleitor em mãos, lembrando os vereadores de suas condições de cidadãs eleitoras.

Na avaliação feita em oficina sobre a participação das travestis na Câmara Municipal, ficou clara para o grupo de travestis a necessidade de uma maior participação ativa delas em outras atividades de inserção no espaço social, como forma de exercitar suas reais condições de cidadãs, revendo a qualidade das relações sociais que estabelecem com o mundo, as pessoas e consigo mesmas.

Como estratégias de organização social e política, temos nos pautado sempre pelas premissas dos direitos humanos universais, priorizando o princípio de dignidade, assim como de construção da cidadania, incentivando as travestis na participação de eventos públicos, como a manifestação na Câmara Municipal para aprovação de lei antidiscriminatória, participação em eventos promovidos pelas secretarias de Saúde (Comissão Municipal de Saúde), pela Secretaria Municipal do Trabalho (seminários sobre empregos) e pela Secretaria da Ação Social (reuniões administrativas de convênios).

Como forma de promover maior visibilidade positiva das travestis, temos realizado parcerias com a Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, mediante organização de concursos de *Miss Travesti Londrina* (quarta edição), passeios a parques públicos, blocos carna-



vaescos, idas a cinemas e teatros, além da promoção de festas de aniversário e de casamento de travesti.

As emergências da contemporaneidade evidenciam a visibilidade de novas identidades sexuais e de gêneros que solicitam uma maior reflexão a respeito dos estudos e das classificações existentes até então.

Essas múltiplas identidades, diria Guacira Lopes Louro (1999, p.12)

*... constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gêneros (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural...*

A emergência de novas identidades sexuais, sociais e de gêneros tem solicitado urgência nas agendas de estudos e pesquisas, de modo a contemplar uma maior clarificação a respeito dessas identidades, propiciando novas políticas e ações inclusivas, tolerantes e solidárias, nas quais esperamos favorecer uma maior flexibilidade na relação com as pessoas, respeitando suas diferenças e singularidades, produzindo assim o que temos chamado de "identidades cidadãs".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDETTI, M. (2000). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. (Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS). Porto Alegre.
- DENIZART, H. (1998). *Engenharia erótica: travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FERNANDEZ, J. (2000). *El travestismo: ruptura de las identidades sexuales, reforzamiento de los procesos de generización o identidad paradójica?* (Primeira Versión Del Informe Final). Buenos Aires, 2000.
- FOUCAULT, M. (1986). *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Ed. Graal.
- FOUCAULT, M. (2004). "Ética, Sexualidade, Política". In: *Ditos e Escritos*, vol.V. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- GREEN, J. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo, UNESP.
- KLEIN, C. (1998). "From on 'battle' to another: the making of a travesti political movement in a brazilian city". In: *Sexualities*, 1 (3), p. 327-342.
- KULICK, D. (1997). "The gender of brazilian transgendered prostitutes". In: *American Anthropologist*. 99 (3), p. 574-585.
- LOURO, G. L. (1999). "Pedagogias da Sexualidade". In: LOURO, G.L. (1999). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.
- MORELLO, C.; FERRER, C. (1988). "El si y los otros em la obra de Richard Senté". In: ABRAHAM, T. *Foucault y la Ética*. Buenos Aires, Editorial Biblos.
- OLIVEIRA, N. M. (1984). *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA.
- PERES, W. S. (2004). "Travestis: subjetividades em construção permanente". In: Parker, R.; Rios, L.F. & Uziel, A.P. (Orgs.). *Construção da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids*. Rio de Janeiro, Ed. Pallas/IMS-UERJ/ABIA.
- SCOTT, J. (1995). "Gênero: uma categoria Útil de Análise Histórica". In: *Educação e Realidade*, vol.20 (2), p. 71-99.
- SILVA, H. (1993). *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- \_\_\_\_\_. *Certas cariocas: travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

- SILVA, H.; Florentino, C. (1996). "A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações". In: PARKER, R.; Barbosa, R. (orgs). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Abia/IMS/Relume-Dumará.
- WEEKS, J. (1999). "O corpo e a sexualidade". In: LOURO, G. L. (1999). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.

## A IMPRENSA GAY DO RIO DE JANEIRO: LINGUAGEM VERBAL E LINGUAGEM VISUAL

Jorge Luiz Pinto Rodrigues<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Há muito se discute as práticas homossexuais, de diferentes formas e com múltiplas abordagens. Gostaria de poder contribuir para essa discussão com este novo viés – a união do *design* com a literatura.<sup>2</sup> Dentro dos "novos movimentos sociais" que emergiram durante os anos 1960, o movimento *gay* foi aquele que, talvez, mais dificuldades teve para se estabelecer, ou, nas palavras de Stuart Hall (2000), encontrar sua "política de identidade – uma identidade para cada movimento". Como em toda forma de legitimação, foi necessário criar todo um aparato de valores, idéias e discursos; e os periódicos desempenharam um papel muito importante nesse contexto a partir do início dos anos 1970.

Como examinar o *design* gráfico dos periódicos da imprensa *gay* no Brasil? Qual o diálogo entre o leitor e o *design* gráfico das publicações *gay*? Como o *design* gráfico dessas publicações ajudou e contribuiu para a construção de uma cultura *gay* brasileira? Essas são as primeiras questões centrais deste texto.

<sup>1</sup> Designer gráfico pela UFRJ, mestre em design pela PUC-RJ. Atualmente professor do curso de Licenciatura e Artes Visuais da UnigranRio e doutorando em literatura comparada pela UFF.

<sup>2</sup> De acordo com o *Aurélio*, "Qualquer dos usos estéticos da linguagem" (Novo Dicionário Aurélio, p. 851).